

A era do vazio: o neotribalismo como lugar de sentido

Antonio Carlos Barbosa da Silva

Universidade Estadual Paulista - UNESP-Assis

tom@assis.unesp.br

Marina Coimbra Casadei Barbosa da Silva

Universidade Estadual Paulista - UNESP-Marília

graunasilva@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre a constituição subjetiva do indivíduo numa sociedade de consumo e o neotribalismo como um dispositivo capaz de resgatar o sujeito coletivo. Para tanto, iniciamos a discussão articulando três elementos que sustentam a sociedade contemporânea - produção, desejo e consumo – e os analisamos enquanto constituidores da subjetividade individual. Num segundo momento analisamos as formações comunitárias como possíveis instituições que resistem as imposições subjetivas do capital, destacando o neotribalismo, como uma metáfora da contemporaneidade que é utilizada no resgate de valores comunitários ditos nobres (lealdade, fidelidade, compaixão) na tentativa de preencher o vazio deixado pela falência das instituições contemporâneas (família, escola, trabalho) quanto à orientação social dos sujeitos. Por fim, nosso desfecho averigua se o neotribalismo é lócus da identidade coletiva capaz de resistir às investidas alienantes do capital ou está, ingenuamente, contribuindo para a manutenção de uma sociedade de consumo.

Palavras-chave: contemporaneidade, tribalismo, sociedade de consumo, psicologia, comunidade.

A era das necessidades vazias

Vivemos numa era em que a criação de necessidades vazias para ser uma tônica natural. Acumulamos, cada vez mais, bens desnecessários, que logo se tornarão obsoletos, e adotamos um estilo de vida hiperindividualista, egoísta e competitivo. Estilo esse que nos adaptará perfeitamente a uma vida que se estrutura na produção e no consumo.

Entretanto a adoção deste estilo de vida não é suficiente para preencher os vazios existenciais que o sistema capitalista contemporâneo nos legou.

A sociedade atual tem potencializado uma situação de inépcia criativa, na qual a confiança, o amparo e o espaço para a singularidade do sujeito parecem dificultadas pelo cenário contemporâneo. Dessa forma, a experiência subjetiva contemporânea aparece

atravessada por sentimentos de vazio existencial, quer seja pela fragilidade nas relações objetais, quer seja pelo desengajamento na vida ou pelo próprio não viver criativo.

A existência atual é revelada materialmente, pelo acúmulo de bens, do que pela incorporalidade (respeito, ética, compaixão e licitude). Em suma, somos levados a acumular cada vez mais capital para reforçar um estilo de vida que acreditamos ser o mais relevante na sociedade atual, o estilo de vida individualista e consumista. Em tal estilo de vida atual não há oferta de formas altruísticas de relacionamentos, pois essas não garantem o acesso imediato ao capital ou atrasam sua conquista. Essa postura nos afasta emocionalmente dos outros, fomentando no ar da contemporaneidade um fragorante mal estar.

De um modo geral, construímos um mundo fetichista que na contemporaneidade adquire poder inigualável, onde a mercadoria é idolatrada e as pessoas cada vez mais cedem às suas aquisições, nem sempre necessárias. O mundo da modernidade, construído de objetos duráveis é substituído, na contemporaneidade, pelo mundo da produção e do consumo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Essa parece ser a tônica que instigaria nossos processos de subjetivação nos novos tempos.

Segundo Lipovetsky (1989), o desejo estimulado pelos produtos bons e belos para o consumo se torna a origem primeira do modo de vida consumista. O desejo, inerente à alma humana, com seu dinamismo ilimitado, lança os indivíduos à busca da satisfação plena no consumo. O mercado responde à insaciedade do desejo com dinamismo ágil e criativo, e com seus produtos sempre renovados. Não há limite para a renovação dos produtos, tanto quanto para o desejo.

Os produtos se renovam na medida em que o desejo pede algo de novo, de melhor para a sua satisfação. O ciclo incessante de satisfação-insatisfação-satisfação tem seu correspondente exato no ciclo mercadológico produção-consumo-produção, que adota a regra da renovação-envelhecimento-renovação dos produtos. Eis a ambiguidade inerente à cultura de consumo: o desejo não pode extinguir-se para que os produtos não acabem e, ao mesmo tempo, o desejo precisa cessar para que o novo produto possa ser criado, ou ao menos renovado, mesmo que em sua aparência.

Em sua relação fetichista o indivíduo tende a se identificar com a mercadoria. Como a mercadoria no mundo atual tende a ser logo descartada, já que não é mais durável, e logo obsoleta, o sujeito também descarta sua identidade e logo adota outra. Valores que outrora eram importantes hoje são descartados, pois eticamente não vinculamos a produtos.

Ontem sofriamos com as crianças de rua, hoje sofremos com os maus-tratos aos animais e a indústria pet-shop vai bem e obrigado. Hoje já é possível através de uma relação meramente material saciar momentaneamente nossas relações existenciais. O consumo de certos produtos serve, supostamente, para combater a pobreza, aumentar as pesquisas sobre determinadas pestes ou contribuir para resolver determinadas demandas sociais. Empresas como a Benetton, Boticário entre outras divulgam, através de seu marketing, que parte de seu lucro se destina a erradicar problemas sociais.

Os valores são norteados pela a efemeridade do produto-desejo. Assim, se instaura a efemeridade dos valores úteis ao bem-estar, mesmo se unicamente estético. O efêmero predomina como linguagem e como regra de vida, absorvendo em sua renovação a eficácia dos produtos e os significados comuns da vida. A cultura do contemporâneo adota como valor aquilo que pode reverter em bem-estar individual, mesmo quando se trata de valores reconhecidamente tradicionais, tais como a bondade, lealdade, harmonia, amizade etc.

Dessa forma, temos a sensação de que podemos consumir sem culpa. Na fase atual do capitalismo, este tipo de consumo vincula os produtos a valores. E como estes produtos logo são substituídos os valores são praticamente transitórios. Os valores atuais não exigem posturas sacrificantes. Logo são descartados caso isso seja o desejo da sociedade de consumo.

Lipovetsky (1989) denomina essa postura de ética indolor, ou seja, adota-se como valores aquilo que não exija sacrifício e que possa reforçar o bem-estar para o consumidor. A efemeridade dos produtos e da satisfação ocorre como um movimento incessante. Isso é necessário para que a roda da fortuna mercantil possa girar com maior eficácia, produzindo mais lucro na mesma proporção e ritmo que gira a roda do desejo, gerando, de sua parte, maior satisfação.

Dessa forma, o consumo envolve duas dimensões inseparáveis: a dimensão objetiva efetivada na produção e no consumo incessante, e a dimensão individual de desejo e satisfação. A dimensão estrutural, objetiva e a dimensão individual, são duas dimensões de um sistema único que move, concomitantemente, a economia global e a alma humana.

Para Lipovetsky (1989), o individualismo moderno atinge sua máxima expressão na cultura de consumo, fazendo conectar os aspectos econômicos e psicológicos da vida humana. Produção de bens e desejo compõe, assim, os dois lados de um único modo de vida, de forma que falar em produção já não significa tão somente considerar os aspectos

puramente econômicos no regime macro, mas encontrar no seu centro o indivíduo consumidor, sempre mais ávido de bem-estar como última peça na máquina global do consumo. O consumo deixa de ser um modo de organizar a economia e a sociedade para ser também um modo de viver a vida, de representá-la e de dar-lhe valor. Este modo de vida traz consigo as ansiedades psicológicas que envolvem uma sociedade que se estrutura no consumo.

Diferentemente dos valores que predominavam na sociedade moderna, irradiado pelo liberalismo econômico, progressista e vigoroso do século XVIII, o hiperindividualismo da contemporaneidade é consumista, hedonista e descontraído e muito bem relacionado com a sociedade pós-industrial, sempre ávida por mudanças. O bem-estar, sempre mais eficiente e prazeroso, é a pulsão última que induz à compra dos produtos de última geração, que torna a vida efetivamente mais facilitada.

O hiperindividualismo aparece quando a sociedade nega as instituições da coletividade - a família, a comunidade, a política. O indivíduo se vê enquanto agente autônomo que deve gerenciar a própria existência. O outro que outrora lhe ajudava a constituir sua identidade é afugentado. O indivíduo pode fazer escolhas privadas – profissão, casamento, consumo – mas está submetido às regras da globalização econômica de eficácia, de produtividade, juventude e consumo.

Atualmente, ao invés de crermos no futuro, em buscar sentidos à história relacional, assumimos nossa fração consumista, classe média, maleável nas ideias e nos costumes. Vivemos no conformismo num mundo globalizado sem ideias, seduzidos e pulverizados pelos *mass media*, buscando no espetáculo da aquisição de bens e serviços o prazer imediato em vez de lutar pela transformação do mundo político e social que está ao nosso redor.

Nossa contribuição para a transformação do mundo se resume à participação de pequenas causas inseridas no cotidiano – movimentos em prol da defesa do consumidor, em defesa de animais, em defesa das minorias éticas e sexuais, em defesa da ecologia – e geralmente disputadas no mundo virtual, através de nossa participação com abaixo-assinados colocados na internet, na divulgação de imagens chocantes ou nos “embates” do *twitter*. Tais ações evidenciam muito mais um lado passivo (nem precisamos nos levantar do sofá para protestar pela internet), controlador e alienador do que transformador, pois não nos damos conta de que muitas vezes estamos fazendo o jogo da sociedade em vigor.

Na sociedade atual os valores são forçados pelos modismos, pelos ideais, pelo ritmo cotidiano, pela informação acelerada que é repassada sem que haja incorporação e reflexão sobre a mesma. Saturado de consumo e informação, o indivíduo pós-moderno encosta no conformismo, refletindo a famosa apatia pós-moderna. Investe em sua saúde, informação para si, seu lazer, seu aprimoramento pessoal e assim esfria a história e a congela numa sucessão de instantes isolados e sem rumo. Eis aí o mal estar em que vivemos na contemporaneidade. A este universo só pode corresponder a um sujeito informatizado, egoísta, leve e sem conteúdo. Um sujeito sem substância, narcisista, vazio, cooptado e alienado.

Não se pode relegar o limite do sentimento de vazio que temos hoje em nossas relações sociais, fato notório nas sociedades industrializadas, o que se revela como um estar em todos os lugares e ao mesmo tempo não se estar em parte alguma, no sentido efetivo de pertença. O indivíduo, deste modo, liberado de toda amarra, mas também desprovido de toda a individualidade, está pronto para se juntar a qualquer grupo, pronto a endossar a identidade que se queira bem lhe propor, ou seja, tudo menos o vazio.

Para Maffessoli (1987), assistimos hoje ao desgaste da ideia de indivíduo dentro de uma massa bem mais indistinta. Essa massa não sabe o que fazer da noção de identidade (individual, nacional, sexual) que foi uma das conquistas mais importantes do burguesismo. O que acontece atualmente é que existe um conformismo das gerações mais jovens, à paixão pela semelhança, aos fenômenos da moda, à cultura padronizada (unissexualização da aparência).

Para sair desta encruzilhada buscamos escapes que nos proporcione algum prazer nessa sociedade que em suas ocultas entrelinhas nos causam mal-estar. Investir em relações interpessoais mais confiáveis, viver em agrupamentos com pessoas com ideias diferentes da maioria da sociedade pode, quiçá, revitalizar o antigo sonho de uma vida salutar, na qual possamos nos libertar de um estilo de vida apenas regrado pelos ditames do capital – acúmulo de bens, consumo e hiperindividualismo. É através da metáfora do tribalismo que indivíduos urbanos criam certa resistência ao mal estar contemporâneo.

As tribos urbanas, ou também chamadas de subculturas ou subsociedades, são constituídas por microgrupos que tem como objetivo principal estabelecer redes de amigos com interesses comuns. Tais indivíduos apresentam conformidade de pensamentos, hábitos e maneira de se vestir. Segundo Maffessoli (1987), o fenômeno das tribos urbanas se constitui

nas diversas redes, grupos de afinidades e de interesse. Seja ele qual for o que está em jogo é a *potência* contra o *poder*, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este. Podemos exemplificar algumas tribos amplamente reconhecidas tais como os *punks*, *hippies*, *headbangers*, *emos*, *skinheads*, etc.

O tribalismo ou as vivências comunitárias contemporâneas seriam uma ideologia, um estilo de vida que oferece ferramentas ao sujeito para criar um dispositivo que contraponha o vazio da sociedade de consumo? Ou seria apenas uma consequência inevitável para o sujeito ser reconhecido em um mundo que, dia após dia, o desqualifica, despersonaliza e o diluí numa massa de iguais?

A vida comunitária como produtora de sentidos na era do vazio

A fim de contrapor o individualismo atual, que leva o indivíduo a perde em si mesmo e torná-lo irreconhecível pelo outro, a sociabilidade comunitária parece ser um artefato salutar. A vida comunitária nos traz o sentido de pertencimento a um lugar, a um grupo, a algo que fundamenta nossa vida, que preenche o vazio, o qual não se sabe de onde surgiu.

Para Tonnies (1973), os princípios comunitários trazem consigo a sensação de viver coletivamente a partir do estabelecimento de laços emocionais. Diferentemente da vida em sociedade, que estaria fundada na estrita individualidade de interesses simbolizada pelos laços impessoais, anônimos, contratuais e amorais característicos da sociedade industrial moderna. A tribo tem como característica marcante a proximidade, que reforça o sentimento de pertença e favorecem uma nova relação com o ambiente social.

Participar de uma comunidade é uma possibilidade de exercer uma vivência em sociedade na qual o indivíduo tem um nome, mantêm uma identidade própria e uma singularidade. A vida comunitária estaria relacionada ao sentimento subjetivo do pertencer às ações solidárias (ajudar ao outro, participação de mutirões, lutar por melhorias na comunidade e na cidade etc.) que se implicariam na existência do outro, como as famílias e grupos unidos por camaradagens, vizinhanças, fraternidades religiosas e partidos políticos. Estes tipos de relação priorizariam a ordem afetiva (piedade, compaixão, fraternidade, camaradagem).

Um estilo de vida muito complexo, uma vez que associam, de maneira muito frágil, sentimentos e atitudes heterogêneas que são aprendidos em um processo de

sociabilidade, que, a rigor, nunca termina. É nesta complexidade inter-relacional que se busca existir diante do outro. Através da identificação ética e estética a comunidade privilegia o respeito, a lealdade, o gosto, a subjetividade, a identificação grupal como componentes estruturais da vida social. O encontro com o outro e a partilha com ele de algumas emoções e sentimentos comuns e valores éticos faz parte do ideal comunitário, em detrimento do ideal societário.

Dessa forma, o sujeito contemporâneo saturado de civilidade, do excesso do politicamente correto, da imposição do consumo e de leis que ignora seus desejos, precisa resgatar a selvageria proveniente das relações emocionais primeiras para continuar escavando novas fontes de vida. Necessitamos de prazer nativo para não morrer de tédio. A vida deve ser estimulante, plural, movida pelas paixões e improvisações e não monótona, apenas regulada pela moralidade.

Para Maffesoli (2001) na contemporaneidade, na sociedade urbana (a mais contaminada pelo estilo de vida consumista), este tipo de vida ainda pode ser efetivado. Através das vivências estimulas pelo neotribalismo.

O neotribalismo pode ser traduzido pelas tribos urbanas contemporâneas. Configura-se como um fenômeno cultural, político, econômico e social que retrata uma revolução espiritual e uma revolução dos sentimentos que ressalta a alegria da vida primitiva, da vida nativa, representando um retorno em espiral de valores arcaicos acomodados ao desenvolvimento tecnológico atual. Portanto, o tribalismo contemporâneo é a tentativa de estabelecer um modo de vida baseado em antigos princípios comunitários, dentro de uma sociedade de marcas com valores pós-modernos.

Como pontuamos anteriormente, os indivíduos tornaram-se subjetividades forjadas em uma cultura regida pelos apelos do mercado. As regras, estratégias e o modus operandi das sociedades neoliberais de economias globalizadas articulam-se caprichosamente para fabricar um cliente em detrimento do sujeito coletivo histórico. Os sujeitos tribais também não fogem a essa regra. Hoje muitas demandas são criadas para atender às tribos urbanas. Roupas, apetrechos, músicas, veículos, cortes de cabelo, bebidas etc., são produzidas para abastecer as tribos urbanas. Desta forma as tribos urbanas podem ser um ótimo negócio para o sistema. Sua veiculação é, inclusive, apoiada pelo neoliberalismo, enquanto for um grupo ativo dentro do consumismo.

Entretanto, o neotribalismo também pode ser traduzido como um elemento de resistência às imposições da contemporaneidade, um dispositivo resistente às imposições de uma sociedade que se preocupa excessivamente em angariar bens e serviços. A fim de burlar as leis sociais e se fazer presente na sociedade, o neotribalismo é edificado em momentos específicos. Percebemos que as vivências no neotribalismo são válvulas de escape liberadas em finais de semana, encontros festivos, reuniões tribais expressadas por gestos e sentimentos que não podem ser defendidos no dia-a-dia. Na verdade, o neotribalismo está mais para uma viagem à ilha da fantasia (como no antigo seriado televisivo) do que para uma empreitada em prol da transformação da sociedade em algo mais palatável de uma vida comunitária. Os tribais levam uma vida dupla. Quando estão trabalhando exercem sua função social e a defendem, quando estão junto às suas tribos questionam a sociedade e vivem a fantasia de ser uma personagem rebelde.

Para estabelecer este estilo de vida cabe ao sujeito e seu grupo ressignificar sua produção imaginária em relação às vivências com o outro. As relações ou interações tribais/sociais são ressignificadas pela produção imaginária individual e coletiva, possibilitando novas produções subjetivas. Muitas adesões, crenças, movimentos sociais, entre outros, não podem mais ser explicadas apenas pela razão, pela ideologia ou pelo conteúdo racionalista. Os encontros são pontuados pelo pensar diferente e\ou proibido. É a valorização das trocas de sentimentos, discussões de botequins, crenças populares, visões de mundo e outras conversas sem consistência ou com pouco referencial racionalista, mas que fazem a solidez da comunidade.

Observa-se no neotribalismo a defesa do “sentido de pertencer”, de ter o reconhecimento mútuo, de desenvolver a solidariedade entre seus membros - elementos renegados pelo capitalismo neoliberal e quando resgatados, supostamente, preenchem o vazio interno, trazendo a sensação de bem estar, de sentido para a vida, de solidez frente à liquidez que acerbou a sociedade contemporânea e a esvaziou.

Para Maffesoli (1987) na contemporaneidade tem-se a impressão de que as ideias não são mais autônomas, pois foram criadas a partir de um coletivo, e este coletivo está sendo questionado. A humanidade então vive um período empático, em que predomina a diferenciação e o perder-se em um sujeito coletivo. O autor comenta que o neotribalismo deve ser tomado como um novo paradigma que substitui o do individualismo na compreensão da sociedade contemporânea.

O tribalismo não é um fenômeno específico, mas uma metáfora da pós-modernidade que serve para preencher o espaço deixado pela falência das instituições, uma vez que as bases sólidas de organização social, como família, religião e estado-nação estão saturadas.

Essas ideias demandam um novo paradigma que se assenta na compreensão da sociedade contemporânea, que está baseado na necessidade de solidariedade e de proteção característicos do conjunto social. Desta forma, a metáfora tribo dará conta do processo de desindividualização e da valorização do papel que cada pessoa (persona¹) é chamada a representar dentro do grupo com alguns ideais em comum e fortalece o indivíduo frente à artificialidade das relações sociais.

Para Silva (2003), o imaginário tribal possibilita ao indivíduo sair da solidão e inserir-se em uma atmosfera de partilha, mesmo que efêmera. Sua inserção em uma tribo instituída sob a natureza da efemeridade o faz ter comportamentos que viabilizem sua identidade e sua evidência em relação aos outros membros do grupo. Estar numa tribo evoca sentimentos altruístas e contrários às maledicências do capital, mesmo que para isso a tribo tenha regras próprias e muitas vezes consideradas anti-sociais.

A autonomia de cada um, que é real, só ganha sentido e torna-se compreensível numa organicidade mais ampla. O aspecto espetacular da libertinagem permite que se tenha o controle para que a organicidade não seja perdida. Para Maffesoli (2005). Mais uma vez, a figura da máfia é, de qualquer maneira, ilustrativa, pois se constitui de solidariedade e de resistência contra o exterior, além da partilha dos frutos do vício, com margem de manobra para cada um dentro de limites previamente estabelecidos, tal como afirma.

O neotribalismo é reflexo do imaginário pós-moderno, sendo causa e consequência de produção subjetiva, neste sentido contém os elementos da fragmentação, da efemeridade e do hedonismo – marcas da contemporaneidade, além de elementos críticos como a argumentação, solidariedade e coesão.

No neotribalismo há certas “solidariedades difusas” que são compreendidas como as características culturais que reúnem indivíduos diferentes que se identificam em torno de totens contemporâneos, como por exemplo, o futebol, a religião, as festas, desejos comuns

¹ A persona é constituída pelo imaginário individual e social. Como afirma Pithan (2007), a constituição do imaginário individual se dá, essencialmente, por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distensão do todo por difusão de uma parte).

etc. As escolhas, subjetividades e os sentimentos entram em cena para disparar estes momentos de vibração comum, da sensação compartilhada e irão configurar o imaginário individual e social das tribos. De acordo com Maffesoli (2001), este homem tribal é moldado pelo imaginário pós-moderno quer ver-se, ouvir-se, participar, ter voz ativa e ser reconhecido, contar o próprio cotidiano para si mesmo e para aqueles com quem convive. Quer se reconhecido como componente essencial para aquela vida social.

Cada um destes microgrupos que se forma, irá dividir um espaço – não necessariamente físico, como, por exemplo, as comunidades do Orkut. Além disso, se formarem a partir de um sentimento de pertença comum, terão um código de ética e de estética específicos e, a partir desses, poderão criar laços estreitos. Este sentimento pode se basear na opção religiosa, em tipos de vestimenta, de músicas, de atividades, de costumes, entre outros. Os grupos de patricinhas, os hippies, os evangélicos, os emos, os motociclistas, os punks, os motoclubes, entre outros, são exemplos atuais das variadas tribos que surgiram a partir da reunião de membros sociais com interesses em comum, dispostos a interagir e determinar a vida social que mais lhes agrada.

Infelizmente, como não podemos negar a influência do sistema neoliberal controlador e conservador, o neotribalismo tem muito mais chance de cair na armadilha de se tornar um lugar comum à estagnação social. Ao se firmar em regras inquestionáveis, como é comum em todas as tribos urbanas, não há motivação para a reflexão, crítica ou experimentação. Por ser fiel à sua natureza (ou ao seu modelo ideal), na medida em que ela se distingue de outros agrupamentos humanos (é visível onde a comunidade começa e onde ela termina) tende a se tornar autossuficiente, de modo que oferece todas as atividades e atende à todas as necessidades das pessoas que fazem parte dela.

Tal como afirma Sawaia (1997), em sua pesquisa com *Skin-heads*, a comunalização ao mesmo tempo em que valoriza sentimentos nobres (lealdade, afeto e compaixão) expressa sentimentos segregadores. Contraditoriamente ela pode se ordenar rigidamente pelas territorialidades, pertencimentos, exclusões, xenofobia, agressão e imposição de regras coercitivas e ditatoriais aos seus membros, como também pode ser resistência ao modelo neoliberal, lócus de fraternidade e compaixão.

De um modo geral o neotribalismo é sinônimo de revolução e conservadorismo, vanguarda e retaguarda. Essa congruência de elementos sublimes e mesquinhos faz com que

as comunidades na contemporaneidade adquiram status contraditórios, sendo mal quistos pelos conservadores quanto pelos progressistas.

Segundo Melucci (1991), há nas sociedades o aparecimento de um integralismo comunitário que busca controlar a incerteza através de algum princípio de unidade. Em suma, tal como aponta Bauman (2003) o que os indivíduos de jure (falsos), mas decididamente não de facto (éticos) buscam na vida comunitária é uma garantia de certeza, segurança, proteção, prazer, elementos que não podem ser obtidos quando isolados ou por falta de recursos. Ao atingir isso, os membros das tribos se estagnam. No neotribalismo, o indivíduo sente que está na presença de uma força que lhe é superior (um líder, um ideário, uma força ideológica) que lhe oferece a sensação de tranquilidade moral, conquista, prazer e poder- aspectos que não conseguem adquirir vivendo sobre a regência do sistema neoliberal.

Por outro lado, a subjetividade na contemporaneidade, notavelmente rarefeita, descarta, nega, recua e ataca as tradições que fundamentava o sujeito concretamente - a origem, o sangue, a casta, o privilégio, as obrigações da história. Paralelamente, espera-se que em nós mesmos enquanto indivíduos seja possível encontrar novos fundamentos para a convivência social, para não sermos regradados pelas mesmas tradições e cânones que então negamos. O neotribalismo preencheria a necessidade da sociabilidade, estando assim apto para preencher este vazio criado pelo capitalismo ao negar as tradições.

Desta forma, pensar em uma possibilidade da instituição de comunidades alternativas que nos deem sensação de segurança substancial aos indivíduos, dentro de um sistema capitalista extremamente egoísta, é algo ainda digno de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço. Portanto, o investimento na elucubração das atividades que possibilitam o resgate de um estilo de vida comunitário merece ser pesquisado, analisado e pontuado como possibilidade de resistência a um sistema opressor, aceito e cristalizado como ideal.

Numa era contemporânea em que as regras do jogo mudam a todo instante, conforme a efervescência econômica poderia ter no neotribalismo um novo dispositivo social, desde que este movimento não seja regido pelas cobranças, pela inflexibilidade e defesa com mais afinco sentimos nobres rejeitados pelo sistema neoliberal, tais como a lealdade, compaixão e igualdade.

De um modo geral, o neotribalismo possibilita a contradição existente em cada indivíduo, que busca identificar-se com as pessoas ao seu redor através da adoção de pontos

de referência comuns, ao mesmo tempo em que procura estabelecer uma personalidade própria através da diferenciação e a fantasiar um estilo de vida que venha preencher as lacunas emocionais que a sociedade de consumo trouxe.

Neste âmbito verificamos que existe uma identificação afetiva no neotribalismo que liga as pessoas, sendo um modelo de vivência no qual os valores comunitários se interiorizam como projeto individual para se transformar numa práxis, num movimento de reflexão e se tornar um projeto grupal preocupado em favorecer relações comunitárias críticas, conscientizadoras e transformadoras.

O neotribalismo pode ser um foco de resistência e transformação social na pós-modernidade se seus membros conseguirem interligar ações práticas críticas às questões subjetivas que os permeiam, não destoando da identidade singular do sujeito e resgatando ao mesmo tempo possibilidades do desenvolvimento de um senso político crítico que possam lidar com os excessos e carências da sociedade, além de abrir novos caminhos para transformar socialmente o mundo em que vivemos.

Referências

BAUMAN, Z. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

BAUMAN, Z. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'água, 1989.

MAFFESOLI, M. *O Templo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAFFESOLI, M. *A Conquista do Presente*. Trad. Márcia de C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAFFESOLI, M. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.1999.

MAFFESOLI, M. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 2001

MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*; tradução de Juremir Machado da Silva – Porto Alegre: Sulina, 2005

MELUCCI, A. *L'invenzione del presente: movimenti sociali nelle società complesse*. Bologna: Il Mulino, 1991.

MESQUITA, M.E.A. Territórios e territorialidades urbanas em Goiânia: as tribos dos moto clubes. *Instituto de estudos sócio-ambientais – Boletim goiano de geografia*. Goiânia, v. 27, n. 3, p. 125-142, 2007

NISBET, R.A. *The sociological tradition*. Londres: Heinemann, 1973

PITHAN, F.A. *Comportamentos e valores da pós-modernidade nas comunidades do Orkut*. 2007. 180 p. Dissertação de mestrado. PUCRS, Porto Alegre, R.S, 2007

SAWAIA, A. Temporalidade do “agora cotidiano” na análise da identidade territorial, 1997. *Revista Margem da Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP*. São Paulo, nº 5, p. 33-52.

SILVA, Jr M. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003

TONNES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F (org). *Comunidade e sociedade*. São Paulo: Nacional. V.1. p.96-116. 1973

In search of solidity: the tribe as a place of meaning

Abstract

This article presents some reflections on the subjective constitution of the individual in a consumer Society and neo-tribalism as a device capable of rescuing the collective subject. To this end, we began the discussion by articulating three elements that sustain contemporary Society - production, consumption and desire – and analyzed as constitutores of individual subjectivity. In a second step we analyze the community formations as potential institutions that resist the impositions of subjective capital, highlighting the neo-tribalism, as a metaphor for contemporary society that is used in the rescue of so-called noble community values (loyalty, faithfulness, compassion) in an attempt to fill the void left by the failure of contemporary institutions (family, school, work) and the social orientation of the subject. Finally, our outcome whether that neo-tribalism is the locus of collective identity capable of resisting the alienating of capital investor is naively contributing to the maintenance of a consumer society.

Keywords: contemporaneity; tribalismo; consumer society; psychology; community.